

POR UMA SOCIOLOGIA GLOBAL

Clóvis Roberto Zimmermann *

SANTOS, Fábio; RUVITUSO, Clara (org.). *Globale Soziologie: Vergessene Theorien, verflochtene Geschichten*, Wiesbaden: Springer VS, 2024. 278p.

Fábio Santos e Clara Ruvituso, em *Sociologia Global*, pretendem contribuir para os debates sobre a descolonização da sociologia. Os organizadores da coletânea reúnem contribuições que abordam um conjunto de questões, visando revelar e expandir os caminhos para uma sociologia global, um tema pouco trilhado na sociologia de língua alemã. Em primeiro lugar, os autores colocam em questão a história da sociologia e problematizam as teorias “clássicas”, indagando em quais contextos elas foram elaboradas e quais condições de vida capturam e abordam. Em particular, são consideradas as condições desiguais na construção e circulação de “clássicos”, com a invisibilização institucionalmente produzida de outras obras. Em segundo lugar, os artigos reunidos na obra exploram as conclusões epistemológicas e metodológicas que emergem das críticas e reconstruções historiográficas e teóricas.

Clara Ruvituso e Fábio Santos são jovens pesquisadores que construíram suas car-

reiras acadêmicas na Alemanha. Ela é pesquisadora no Instituto Ibero-Americano, em Berlim, e Fábio Santos é assistente do professor Sérgio Costa no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim. Neste sentido, muitas das questões apresentadas se relacionam com o contexto acadêmico dos países de língua alemã, especialmente a Alemanha, um país de enorme relevância para a sociologia, uma vez que dois dos três autores considerados precursores da disciplina têm origem alemã e Durkheim realizou estudos no país.

Na introdução do livro, os autores justificam a temática da sociologia global, citando um estudo do sociólogo alemão Jürgen Gerhards (2014), que realiza entrevistas com professores de sociologia da Alemanha sobre os cânones da disciplina. Os entrevistados identificam como os principais cânones os seguintes autores: Bourdieu, Merton, Berger/Luckmann, Weber, Elias, Coleman, Durkheim e Mancur Olson. Chama a atenção de Ruvituso e Santos que todos os autores identificados como os principais cânones são oriundos do contexto euro-americano. Além disso, são todos brancos e homens. Na avaliação dos organizadores, a lista também apresenta uma deficiência significativa em relação ao conteúdo. Embora existam cada vez mais vozes dentro da sociologia que defendem um olhar para além do contexto europeu, quase não há acadêmicos da sociologia global entre os mencionados nas entrevistas. O próprio estudo de Gerhards (2014) desconsidera o nexo entre o colonialismo e o capitalismo, assim como as alterações climáticas globais e a nossa coexistência como seres humanos.

O livro *Sociologia Global* tem 10 capítulos, divididos em 3 partes. A primeira parte versa criticamente sobre a história da sociologia, a segunda sobre questões epistemológicas e metodológicas e a terceira sobre tópicos centrais ilustrados com base em estudos empíricos da sociologia do trabalho, migração e gênero. O objetivo do livro é construir uma perspectiva global da sociologia, em relação à história

* Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Estrada de São Lázaro, 197. Federação. Cep: 40210-730. Salvador – Bahia – Brasil. clovis.zimmermann@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4363-5327>

da disciplina, suas reflexões teóricas, renovações metodológicas, tendo como horizonte seu caráter inclusivo.

O primeiro artigo, de Stéphane Dufoix, da Universidade Paris Nanterre, evidencia que a narrativa de que a disciplina nasceu na Europa no final do século XIX, que os seus “pais fundadores” foram europeus ou norte-americanos e que a disciplina só mais tarde se espalhou para o resto do mundo, seria incorreta. O processo de difusão mencionado nessa narrativa não combina com os fatos. O autor apresenta dados que indicam que na época em que a sociologia se consolidou na Europa (incluindo a Europa Central e Oriental, bem como a Rússia), ela já havia se propagado por outras partes do mundo, algo desconsiderado na história da sociologia. Defender a originalidade dos fatos sociais nos diferentes países implicaria reconhecer a necessidade de conceitos sociológicos mais sensíveis às especificidades dos fenômenos sociais observados nos países não ocidentais. Mobilizar a ciência social tradicional, produzida no Norte Global, para analisar os fenômenos sociais nos países da periferia do capitalismo seria como pegar um carro de uma linha de produção em massa de Detroit, projetado para as rodovias americanas, e esperar que funcione nas florestas tropicais e nos arrozais do Sudeste Asiático ou nas regiões montanhosas e desérticas da Ásia. Esses exemplos implicaram em debates sobre o lugar epistêmico, um debate aberto sobre a relevância dos cânones, seja em sua manutenção, expansão, substituição ou dissolução. A conclusão é que uma compreensão mais adequada dos processos de canonização disciplinar poderia representar uma abertura a outros espaços de produção de conhecimento em sociologia.

O artigo de Wiebke Keim, da Universidade de Estrasburgo, também evidencia que a sociologia (história) pode ser rastreada ao longo de grandes intervalos de tempo e grandes distâncias geográficas: a autora analisa a recepção europeia do sociólogo árabe Ibn Khaldun (1332-1406) pelo sociólogo judeu polonês Ludwig Gumplowicz (1939-1909), que

utilizou, à época, o conceito de raça, conceito que praticamente desapareceu na história da disciplina. Wiebke Keim relata duas recepções opostas de Ibn Khaldun nos países de língua francesa e alemã. Na França, ele foi utilizado para conhecer e consolidar o domínio colonial no Magreb, enquanto Gumplowicz o leu indiretamente como uma fonte de crítica ao domínio dos Habsburgos sobre a Polônia. Do ponto de vista teórico, Ibn Khaldun é mencionado como um pioneiro na elaboração de uma visão geral completa da forma como o Estado emergiu da luta entre grupos. Khaldun não destacava diferenças entre nômades e agricultores (como a teoria da superposição a constrói), mas entre o modo de vida nômade e o modo de vida urbano. Para Ibn Khaldun, as pessoas sedentárias, ou seja, as pessoas que vivem em cidades, são economicamente mais bem situadas; contudo, esse desenvolvimento técnico teria surgido através dos nômades e agricultores. Por fim, a autora sugere que, no decorrer do debate, a longo prazo, os fatores históricos e políticos deveriam ser distinguidos daqueles inerentes à teoria.

O texto de Meta Cramer, da Universidade de Freiburg, em perspectiva pós- e decolonial, faz uma reconstrução do trabalho e das práticas das ciências sociais caribenhas. O Caribe é apresentado como um lugar muito interessante devido ao seu papel central no anticolonialismo global. A região desempenha um papel central na longa história de revoltas e rebeliões, pelas quais a Revolução Haitiana pode ser lembrada paradigmaticamente, mas também na produção acadêmica de conhecimento, pelas contribuições internacionalmente conhecidas de autores caribenhos como Frantz Fanon, Aimé Césaire, Stuart Hall ou Paul Gilroy. Os cientistas sociais do Caribe anglófono destacaram a escravidão e o sistema de plantação colonial nas sociedades caribenhas. Neste contexto, a autora aponta como a região do Caribe foi excluída das disciplinas de sociologia e da antropologia e não está incluída em nenhuma outra disciplina.

A segunda parte reflete sobre interdisciplinaridade, interimperialidade e convivência. A contribuição de Manuela Boatcă, professora na Universidade de Freiburg, propõe a “crioulização da sociologia” como interface entre uma crítica decolonial e uma reconstrução histórico-empírica de unidades de análise numa sociologia global. Essa posição prioriza as conexões Sul-Sul como unidades constitutivas de análise para uma sociologia global.

Sérgio Costa, brasileiro e professor na Universidade Livre de Berlim, analisa as crises da sociologia, especialmente em nível teórico-conceitual. O autor identifica uma forma de antropocentrismo, inerente à sociologia, como um dos maiores desafios dos sociólogos da atualidade. Esta crítica, aliás, vem sendo formulada dentro da própria sociologia há várias décadas, especialmente no campo da sociologia ambiental, que alerta para a cegueira do campo para a finitude dos recursos naturais. Seguindo Ross, o autor concorda que a sociologia ainda segue a crença de que “os humanos existem além e acima do resto da natureza”. Para lidar com esse desafio, Sérgio Costa propõe a construção de uma “sociologia convivial”, que enfatize a interdependência entre os seres humanos e a natureza. Essa proposta teria grandes consequências não somente para a sociologia, mas poderia significar o abandono da divisão tradicional entre ciências naturais e humanas, da distinção entre conhecimento leigo e conhecimento especializado e da separação entre compreensão científica e sensorial do mundo. A “sociologia convivial” se aproxima de muitas filosofias e práticas indígenas. Estas filosofias também enfatizam o *continuum* entre a humanidade e a natureza e o poder destrutivo do capitalismo com seu crescimento econômico ilimitado. Exemplo disso seriam as diversas ideias e práticas indígenas da região andina, que se agrupam em torno do conceito de Buen Vivir (Bem Viver), muito utilizado na América Latina, além do Ubuntu, amplamente empregado no continente africano.

No seu apelo à “abertura” das ciências

sociais, em que reúne ciência aberta e ciência cidadã, Fernanda Beigel, da Universidade Nacional de Cuyo e do CONICET, de Mendoza, na Argentina, chama a atenção para uma tradição de investigação que está particularmente presente na América Latina, que poderia encontrar reconhecimento e divulgação mais amplas. A América Latina tem a sua própria tradição na construção de uma ciência da ação participativa, com uma série de princípios metodológicos originais. No nível universitário, as práticas e experiências acumuladas na tradição da “extensão crítica” (*extensión crítica*) oferecem uma riqueza de conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento da ciência cidadã e do conhecimento interuniversitário. Entretanto, argumenta a autora, as tradições participativas e as sugestões da ciência cidadã não são suficientes para superar as assimetrias de informação e as relações de poder desiguais. A análise de Beigel presta especial atenção às assimetrias estruturais entre centros e periferias e aborda sistematicamente os requisitos éticos da investigação e as consequências de uma sociologia “aberta”.

A terceira unidade apresenta investigações empíricas, debates temáticos e regionais e discussões sobre as desigualdades globais. Encarnación Gutiérrez Rodríguez, professora na Universidade de Frankfurt, desenvolve um quadro teórico sobre as conexões coloniais, analisando como a desigualdade global se manifesta localmente a partir de uma perspectiva discursivo-material que considera dimensões espaciais e de gênero. Partindo dessa perspectiva, a autora analisa o trabalho doméstico e do cuidado como articulação do entrelaçamento entre raça e gênero.

A contribuição de Eva Bahl, assistente na Universidade de Göttingen, também está na área da pesquisa social qualitativa: ela rompe com o predomínio das análises sobre migração Sul-Norte ao priorizar pesquisas de campo e entrevistas biográficas sobre a transferência de conhecimento entre a colônia sírio-libanesa e o Brasil, numa perspectiva Sul-Sul. A

autora destaca o importante papel que a longa tradição de deslocamento para o Brasil desempenha na atual migração de refugiados da Síria, que está intimamente ligada a uma rede familiar transnacional. Na perspectiva de uma sociologia global, a autora sinaliza algumas questões relevantes. A primeira é a perspectivas dos atores, aqueles que têm de conviver com as desigualdades globais, a exploração e a violência, bem como com as suas consequências. Em segundo lugar, é necessário fazer uma contextualização histórica, um desafio particular para a sociologia global: aqueles que não trabalham no seu próprio contexto nacional, geralmente, são instados a pesquisar dados históricos e fornecer aos leitores ou parceiros no diálogo acadêmico uma introdução ao respectivo contexto.

Como articulação temática em um contexto global, Stefan Schmalz, da Universidade de Erfurt, examina a externalização de atividades de grandes empresas de tecnologia da comunicação para o Sul Global, tomando como exemplo o trabalho árduo no setor de tecnologias digitais na China. Além da invisibilidade deste trabalho, externalizado e alienado, com baixos salários nas cadeias de valor globais, também se torna claro que a discussão acadêmica sobre a economia digital tem um vazio que pode ser preenchido com uma perspectiva sociológica global que seja sensível às continuidades coloniais.

Dentre os limites teóricos dos textos apresentados, nota-se uma visão germânica do que se entende por sociologia global. Os textos principais são de autores que vivem na Alemanha e que são inevitavelmente influenciados pelo contexto de uma tradição sociológica germânica. A “sociologia convivial”, proposta por Sérgio Costa, pode parecer apropriada àquele contexto, mas, dificilmente será aceita em outras partes do mundo. Além disso, existem propostas conceituais elaboradas no Sul Global que incorporam elementos semelhantes, tais como o Ubuntu, no continente africano, e o Bem Viver, na América Latina. Segundo Fa-

brício Pereira da Silva (2020), os conceitos de Ubuntu e Bem Viver possuem um núcleo inicial semelhante que os aproxima, qual seja, a proposição de uma mudança nas relações dos seres humanos entre si, entre estes e a natureza. Neste sentido, penso que descentrar os conceitos seria mais apropriado do que propor uma forma de investigação sociológica de validade universal.

Dentre os limites metodológicos dos textos apresentados, destaca-se a fragilidade empírica. Tanto Encarnación Gutiérrez Rodríguez quanto Eva Bahl realizam pesquisas qualitativas, mas oferecem pouco espaço para que as pessoas subalternas expressem suas próprias vozes. A realização de pesquisas de campo e entrevistas biográficas não são o ponto forte da tradição sociológica alemã, mas realizar pesquisas em outro contexto pode ser ainda mais desafiador. Teria sido mais prudente convidar pesquisadores dos países do Sul Global, cuja qualidade sociológica mais relevante consiste justamente na realização de pesquisas empíricas de grande relevo e qualidade.

O livro *Sociologia Global* de Fábio Santos e Clara Ruvituso foi escrito privilegiando o contexto germânico, o que torna o título escolhido algo irônico. Para os europeus, que consideram sempre terem produzido uma sociologia geral e universal, o termo global soa bastante provocativo. Nesse sentido, o livro se destaca por propor uma mudança epistemológica orientada a um conhecimento de caráter reflexivo, plural e fundamentado em uma justificativa sociológica global, particularmente relevante para a construção de uma sociologia geral e universal.

Como afirma Sérgio Costa em seu artigo, a sociologia em geral pode aprender muito com o estudo das sociedades indígenas da América Latina, em geral, e da Amazônia, especificamente, realizados pela “antropologia da vida cotidiana”. O conceito de convivência, assim como os termos africano Ubuntu e andino Buen Vivir, desempenham um papel relevante ao descrever formas fundamentais

de sociabilidade que escapam ao conceito clássico de sociedade na sociologia, uma vez que não se baseiam na diferenciação funcional das esferas sociais nem na distinção entre comunidade e sociedade.

Por fim, o livro *Sociologia Global* apresenta temas e abordagens que podem oferecer soluções para os pontos cegos da sociologia mais eurocêntrica. Em termos da história da sociologia, destaca-se o esforço de evidenciar formas distintas de compreender a origem do Estado, como na perspectiva de Ibn Khaldun. Perspectivado ponto de vista teórico-conceitual, os artigos que compõem a coletânea nos permitem buscar alternativas ao antropocentrismo e a uma compreensão estreita das relações entre sociedades. Para contornar o antropocentrismo, parte das pesquisas sobre sociologia global insistem na interdependência entre todos os seres vivos que povoam o planeta, pois o destino humano e a sobrevivência no planeta estão inextricavelmente ligados aos de todos os outros seres vivos.

Recebido para publicação em 18 de setembro de 2024
Aceito para publicação em 23 de janeiro de 2026

Editor-chefe: Renato Francisquini Teixeira

Editores de Resenha: Henrique Amorim
Jair Batista da Silva

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Clóvis Roberto Zimmermann – Elaboração de todo texto, Escrita - revisão e edição.

DISPONIBILIDADE DE DADOS:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara que não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

GERHARDS, Jürgen. Top Ten Soziologie: Welche soziologischen Texte sollten Studierende der Soziologie gelesen haben? *Soziologie*, Alemanha, v. 43, n. 3, p. 313-321, 2014.

SILVA, Fabricio Pereira da. Comparando conceitos da periferia global: por uma tipologia dos sentidos de ubuntu e de bem viver. *Revista Izquierdas*, Santiago, v. 51, p. 3524-3544, 2020.

ZIMMERMANN, Clóvis. *Politische Partizipation in Brasilien : ein Vergleich der Stadtplanungsmodelle von Porto Alegre und Curitiba*. Frankfurt am Main/Londres, IKOVerlag für interkulturelle Kommunikation, 2006.

Clóvis Roberto Zimmermann – Doutorado em sociologia pela Universidade de Heidelberg na Alemanha. Professor de Sociologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade. Trabalha como os temas do neoliberalismo, Estado e políticas sociais. Organizador do livro com Danilo Uzêda intitulado Políticas sociais no governo Bolsonaro: entre descasos, retrocessos e desmontes. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Salvador: Pinaúna, 2022.